



Representações sociais e universo simbólico: uma abordagem dejouriana das relações de trabalho¹

Maria Ivete Trevisan Fossá²
Liziê Ortiz Costa³

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi compreender a organização do trabalho como fator de equilíbrio e desenvolvimento humano. Está fundamentada teoricamente nos estudos realizados por Christophe Dejours que se propõe a pensar as relações estabelecidas no trabalho através da compreensão das representações sociais e do universo simbólico dos trabalhadores. A interpretação dos dados coletados pelas entrevistas semi-estruturadas foi feita de acordo com o método de análise de conteúdo. Foram levantadas, a partir da leitura das entrevistas realizadas, dez (10) categorias iniciais, quatro (4) categorias intermediárias obtidas pelo reagrupamento das categoriais iniciais e duas (2) categorias finais. As categorias finais mostram que as representações de sofrimento encontram-se em torno da ausência de reconhecimento e de sentido para o trabalho.

Palavras-chave: Representações Sociais; Cultura Organizacional; Prazer e Sofrimento no Trabalho; Relações de Trabalho; Relações Públicas

Introdução

A pesquisa teve como fundamentação teórica os estudos realizados pela Escola Dejouriana que se propõe a pensar as relações estabelecidas no trabalho e o sofrimento psíquico produzido nos trabalhadores. Para Dejours (1998) as relações de trabalho são todos os laços humanos criados pela organização do trabalho: relações com a hierarquia, com as chefias, com a supervisão, com os outros trabalhadores e que são às vezes desagradáveis e até insuportáveis. Em termos de funcionamento psíquico, Dejours (1994) parte de um modelo de homem ímpar, um sujeito sem outro igual, portador de desejos e projetos enraizados na sua história singular e que de acordo com a sua personalidade, reage à realidade de maneira estritamente original.

Na concepção de Dejours (1998), há a divisão das tarefas e a divisão dos homens, onde a primeira engloba o conteúdo das tarefas, o modo operatório e tudo que envolve a organização do trabalho, já a divisão dos homens compreende a forma como os trabalhadores são divididos em um grupo de trabalho e as relações humanas que se estabelece entre eles. Em estudos mais recentes, Dejours (1999), salienta que uma situação saudável de trabalho seria a que permite o desenvolvimento individual do trabalhador, possibilitando a alternância de períodos de trabalho com períodos de descanso, sendo que o controle sobre o processo de trabalho ficaria com o trabalhador.

E, ainda segundo Dejours (1998), o trabalho aparece definitivamente como um operador fundamental na própria construção do sujeito. O trabalho revela-se, com efeito, como um mediador

¹ Trabalho apresentado ao NP Relações Públicas e Comunicação Organizacional, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Fonte de Financiamento: MEC/SESu/DEPEM.

² Professora Adjunta dos Programas de Pós Graduação em Comunicação e em Administração da UFSM. Mestre em Comunicação Social pela UEMESP e Doutora em Administração pela UFRGS.

³ Bacharel em Relações Públicas pela UFSM. Mestranda em Psicologia Organizacional na Universidade de Nice – França.



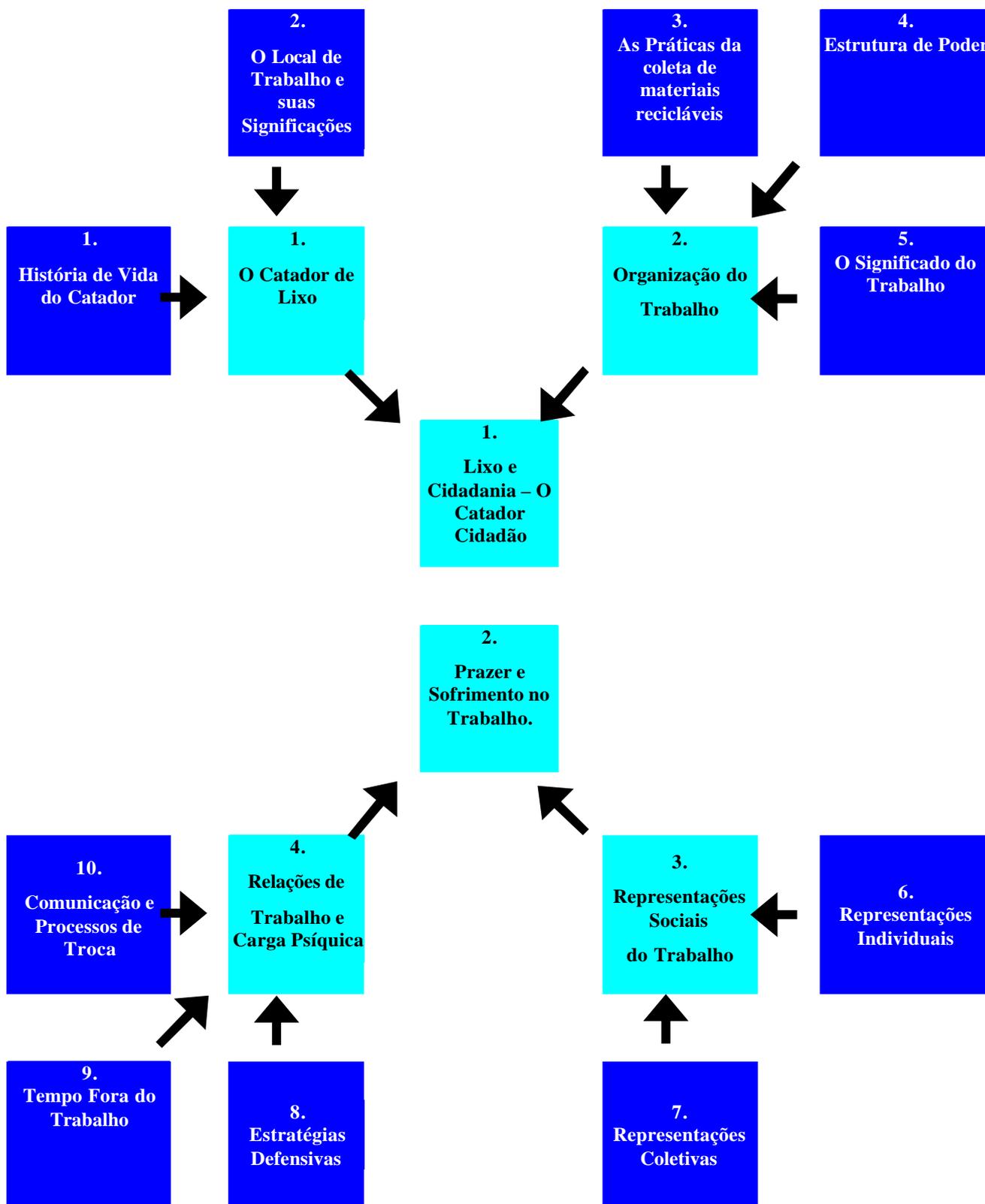
privilegiado, senão único, entre inconsciente e campo social e entre ordem singular e ordem coletiva. O trabalho é um espaço de construção de sentido e, portanto, de conquista de identidade, da continuidade e historização do sujeito. Entre as pressões de trabalho e a doença mental interpõe-se um indivíduo, não somente capaz de compreender sua situação, mas capaz também de reagir e se defender. As situações de defesa são fortemente singularizadas em função do passado, da história e da estrutura de personalidade de cada sujeito.

Quando esse sofrimento psíquico surge algumas estratégias de defesa são criadas pelo indivíduo para atenuá-lo, denominadas por Dejours (1998) de ideologia defensiva. Desse modo, as estratégias defensivas nascem para dar conta do sofrimento, que seria a eufemização da percepção que os trabalhadores têm da realidade que os faz sofrer. O resultado das estratégias defensivas coletivas é uma percepção irrealista da realidade, porque a nova realidade construída é validada coletivamente. O sujeito ao participar de uma estratégia de defesa coletiva harmoniza seus outros recursos defensivos individuais. O sofrimento embora seja algo singular, o gerenciamento deste é coletivo, através de estratégias coletivas de defesa, formas encontradas coletivamente para suportar o sofrimento individual causado pela alienação do desejo. O que caracteriza uma ideologia defensiva é o fato dela ser dirigida não contra uma angústia proveniente de conflitos intrapsíquicos de natureza mental e sim ser destinada a lutar contra perigos e riscos reais.

Metodologia

Utilizou-se para a coleta de dados a técnica de entrevista em profundidade, semi-estrutura com um único respondente. As entrevistas foram transcritas de forma detalhada anotando falas sobrepostas, respirações e entonações de voz, a fim de não perder características importantes para a posterior decodificação do material. O corpus de análise da pesquisa constitui-se de 11 catadores entrevistados, onde um é o coordenador do grupo de catadores do aterro e outro é o presidente de uma associação de catadores. Os demais se dividem em cinco catadores que trabalham no aterro e quatro catadores que coletam materiais nas ruas da cidade e pertencentes a uma das 11 associações de catadores existentes no município de Santa Maria/RS. A análise de dados constituiu-se em dois momentos. No primeiro momento, o corpus de análise é separado em duas situações (trabalhadores do lixão e trabalhadores da rua), e no segundo, é realizada a codificação do material, a partir das categorias de análise definidas posteriormente à realização das entrevistas e à construção do quadro teórico conceitual. A interpretação dos dados coletados pelas entrevistas semi-estruturadas foi feita de acordo com o método de análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977), este método de análise é dividido em três fases: pré-análise, exploração do material e interpretação. As categorias definidas para a análise das representações sociais construídas pelos catadores de materiais recicláveis a partir do seu trabalho podem ser observadas pela leitura da figura 1.

Figura 1: Processo de derivação das categorias



Categorias Iniciais

1 História de Vida do Catador

As histórias de vida dos catadores em ambas as situações (lixão/rua) se confundem. Na sua maioria, são indivíduos que já passaram por diversos tipos de empregos, porém frente ao desemprego não encontraram outra alternativa senão buscar no lixo sua sobrevivência.

Na situação I – Lixão, encontramos indivíduos que fazem há mais de 10 anos o caminho de saída e retorno ao lixão. É o caso do entrevistado E, que revela: "eu trabalho aqui desde meus 12 anos, mas eu saio, trabalho em casa de família e volto" (Entrevistado E, situação I, 36 anos). Também encontramos no aterro, pessoas como o entrevistado C. Ele nasceu dentro desta realidade, filho de catadores começou a coletar lixo para ajudar sua mãe e hoje é a sua profissão também. Diz o entrevistado, "trabalho com minha mãe e o marido dela, mas não dependo deles. Eu me sustento" (Entrevistado C, situação I, 17 anos). Embora trabalhe com a mãe e o padrasto, mora sozinha e garante seu sustento através do trabalho de coleta de materiais. No discurso do entrevistado infere-se que permanecer nesse trabalho pode ser uma opção e não uma alternativa ao desemprego. Afirma que, "apareceu um serviço e eu preferi ficar aqui. Porque aqui a gente ganha bem mais do que trabalhar ganhando por mês. Por mês a gente ganha um salário, aqui a gente ganha mais que um salário" (Entrevistado C, situação I).

Na situação II - Rua, os integrantes do grupo estudado possuem em comum o fato de terem passado por outros empregos antes de se tornarem catadores. Na sua maioria, são indivíduos que desempenharam a mesma atividade profissional durante muitos anos e de repente foram descartados pelo mercado. Não restando outra alternativa, também encontraram na coleta de lixo uma forma de sustentar a si e suas famílias. Os trabalhadores dessa situação trabalham com outros membros de sua família bem como com amigos e vizinhos. Isto pode ser comprovado na fala de um dos entrevistados quando diz: "eu trabalhei muitos anos na rede (Viação Férrea) e quando sai de lá, recebi um dinheiro bom, mas não durou muito. Eu era casado e tinha cinco filhos. Quando o dinheiro acabou a mulher me deixou, mas eu tive que continuar sustentando os guris" (Entrevistado A, situação II, 44 anos).

Todos esses trabalhadores possuem uma trajetória de vida marcada por vícios, sofrimento e desilusão. Esses fatores somam-se a vida profissional formando uma carga psíquica maléfica à saúde mental e física do indivíduo.

2 O local de Trabalho e suas significações

As significações construídas a partir do ambiente e das condições de trabalho estão intrinsecamente ligadas ao sofrimento gerado pelo mesmo. O lixo e toda significação que o envolve é um fardo muito pesado para o catador. O lixo é tudo aquilo que ninguém quer para si e trabalhar com ele é certamente a última alternativa encontrada por esses indivíduos.

Na situação I, o sentimento de tristeza atrelado ao lixo parece bem mais evidente. No lixão os catadores manuseiam diretamente o lixo recolhido nas ruas da cidade. Esse lixo não passa por nenhum tipo de tratamento antes de chegar ao aterro, onde a “garimpagem” é realizada sem qualquer tipo de proteção. Esse contato direto com o lixo, somado a paisagem degradante e ao cheiro do lixo contribui para formação de uma carga de significações, sejam elas externas ou internas, onde os catadores são confundidos com seu instrumento de trabalho - o lixo. Pelas entrevistas percebe-se que a opção de trabalhar no lixão e não na rua, onde os materiais são mais abundantes, deve-se à vergonha gerada pelo trabalho com o lixo. Eles querem ser esquecidos enquanto desempenham seu trabalho, pois consideram um trabalho sujo e indigno. Embora esse sentimento não seja explicitado eles estão implícitos em seus discursos, principalmente quando dizem: “eles vê nós como uns lixeiros, pra sociedade não é importante. Tamo aqui fora e eles nem pensam em nós. Vergonha de trabalhar aqui não tenho, mas de pessoas do centro saber que eu cato lixo” (Entrevistado D, situação I, 19 anos).

Na situação II, a carga de significações parece ser mais leve. O lixo recolhido por estes trabalhadores pode ser considerado “mais limpo”, pois os materiais de origem industrial são encontrados com mais facilidade e são recolhidos em bairros e no centro da cidade. Esse lixo normalmente já sofreu algum tipo de seleção, seja na casa de quem o produziu ou no momento da coleta. Dessa forma, o trabalho de seleção é realizado no pavilhão de maneira organizada e com o uso de luvas. Os entrevistados que trabalham na rua, a sua maioria afirma que a coleta de lixo “é um trabalho bom, a gente tira dinheiro para sustentar a família e não tem patrão para ficar mandando. É um trabalho como qualquer outro” (Entrevistado C, situação II, 32 anos). Para estes coletores, embora haja muito preconceito por parte da sociedade, essa é uma atividade profissional como qualquer outra, de onde eles podem tirar não só o sustento, mas algum tipo de conforto. Tal afirmação está explicitada na fala de um entrevistado quando afirma que, “hoje, depois de passar por muitas brabas, até fome passei, eu posso ter telefone, tenho até celular, posso tomar uma cervejinha no fim de semana e compro alguma coisa pra mulher quando ela precisa. Ainda pago pensão pra ex e meus outros filhos” (Entrevistado A, situação II).

3 As práticas de coleta de materiais recicláveis

As práticas de coleta dos materiais não são muito sofisticadas. Uma vez recolhido, os materiais são separados por tamanho, tipo de material e cor.

Na situação I, verifica-se que não há nenhum tipo de divisão de trabalho. Os mesmos indivíduos que “garimpam” o material reciclável no amontoado de resíduos, posteriormente os separa para a venda. Pelo depoimento de um dos entrevistados pode-se perceber a liberdade que os catadores possuem de garimpar da maneira que quiserem e o material que lhe convier. Um deles afirma, “cada um trabalha do jeito que quer. Garimpamos e depois separamos o material que a gente



garimpa” (Entrevistado C, situação I). Da mesma forma que não há divisão do trabalho, também não há divisão de lucros. Cada catador é responsável pela venda do material coletado, cabendo a ele somente o valor oferecido pelo seu produto. “Eles (os atravessadores) vêm aqui dão o dinheiro e levam os materiais, a gente sabe que eles pagam uma miséria pra gente e levam muito mais em cima, mas fazê o que, se for pagar o frete sai mais caro. Eles vêm aqui, né” (Entrevistado C, situação I).

Na situação II, algumas vezes há uma simples divisão do trabalho onde um grupo realiza a coleta durante a manhã e outro grupo realiza a separação desses materiais à tarde. O material após ser separado é prensado e vendido diretamente para empresas de reciclagens. Os lucros são divididos em partes iguais para todos os membros da Associação. “Eu trabalho aqui com a minha mulher, eu recolho nas casas os materiais e trago pra cá, de tarde ela vem com as outras, depois das duas, e separa todo material” (Entrevistado A, situação II).

4 Estrutura de Poder

A estrutura de poder presente nos grupos de catadores, embora simples, apresenta os três instrumentos de seu exercício: poder condigno, compensatório e condicionado.

No poder condigno a submissão ocorre normalmente de maneira dolorosa, no caso dos catadores não é mediante a violência física, mas sim a coerção violenta frente a necessidade. A necessidade de comer, morar, sobreviver. Diante da exclusão do mercado formal, esses trabalhadores são obrigados a submeter-se a um trabalho pouco satisfatório. Já o poder compensatório, que está presente em praticamente todas as atividades profissionais, surge à medida que a recompensa (salário) faz com que o trabalhador se disponha a realizar uma tarefa.

Na estrutura interna dos grupos, em ambas situações, encontramos o poder condicionado. Na situação I, encontramos micro esferas de poder. Essas hierarquias (subjetivas) dão-se por vários fatores. A própria relação entre alguns indivíduos dessa situação com os indivíduos da situação II denota uma relação de poder. Muitos catadores do lixão consideram os catadores de rua como uma classe acima da sua. Isso ocorre porque os melhores produtos para venda encontram-se em maior número na rua.

Verifica-se também, que dentro desse grupo há pessoas que pelo seu carisma ou apenas por tomar decisões tornam-se representantes do mesmo. É o caso do entrevistado F, que se autodenomina coordenador do grupo, respondendo pelo mesmo frente às autoridades, além de reclamar melhorias em prol dos catadores. Embora nem todos os catadores do aterro concordem com sua liderança, eles respeitam e lhes conferem um certo status. Nas falas e na postura do entrevistado F percebe-se que sua relação com o trabalho é menos penosa que para os demais. Isso possivelmente decorre da auto-estima gerada pelo fato de ocupar uma posição privilegiada dentro do grupo. Suas perspectivas em relação ao seu futuro e sua opinião sobre seu trabalho são notavelmente mais otimistas. As frases, a seguir, ilustram seu otimismo e orgulho em relação a



posição ocupada no trabalho. “Eu sim sou a coordenadora daqui. Eu sou a representante dos catadores de materiais recicláveis. A prefeitura e o pessoal lá fora falam comigo e eu reuno todo mundo pra falar pra eles. Eu sempre estou aqui até a uma hora, depois eu tenho outros compromissos” (Entrevistado F, situação I, 56 anos).

Algumas relações de poder também surgem através da violência, cada indivíduo possui seu espaço dentro do lixão o qual não pode ser violado. Um catador não toca no material coletado pelo colega, porque caso contrário, a represália vem de forma violenta. Um dos entrevistados diz: “ninguém mexe no material do outro, senão dá briga, dá morte, como aconteceu esses tempos” (Entrevistado A, situação I, 24 anos).

Na situação II, as relações de poder são menos evidentes. Há um líder escolhido pelo grupo o qual responde pelos demais. Possivelmente o nível de conhecimento e a facilidade de comunicação determinam a escolha desse líder.

5 O significado do Trabalho

Na situação I, o trabalho surge como um instrumento de sobrevivência, onde o elemento remuneração ocupa a posição central da relação do indivíduo com o trabalho. Prazer e desenvolvimento pessoal aparecem como elementos contrários ao trabalho. Quando indagados se o trabalho oferece algum tipo de satisfação, a resposta mais freqüente é: “oferece, dá pra gente ganhar um dinheiro, comprar as coisas que a gente quer” (Entrevistado C, situação I).

Na situação II, o significado central atribuído ao trabalho também é o de sobrevivência, mas em alguns discursos percebe-se que para alguns o trabalho é uma fonte de desenvolvimento pessoal ou até mesmo de reintegração na sociedade. Em alguns casos, esses indivíduos passaram um longo tempo sem realizar qualquer tipo de atividade profissional, muitas vezes com isso perderam sua dignidade e dessa forma, o trabalho trouxe consigo a possibilidade de resgatar essa dignidade. Um dos entrevistados afirma que, “o trabalho de coleta de lixo é um trabalho tão digno como qualquer outro, só pelo fato de estar trabalhando de novo, não só pelo dinheiro, que é claro que a gente precisa, mas por ter um trabalho e não ficar vagabundeando pela rua, ter que pedir. Não sei como tem gente que prefere ficar pedindo as coisas ao invés de trabalhar” (Entrevistado D, situação II, 48 anos).

O prazer, em ambas situações, normalmente surge como um sentimento contrário ao trabalho, mas há frases que demonstram que há momentos de diversão no trabalho. Os indivíduos da situação I, que se mostram mais otimistas ou conformados com seu trabalho, são os mais jovens que pertencem a categoria de catadores que nunca realizaram outro tipo de atividade profissional. Um dos entrevistados diz: “Acho até que eu acho divertido trabalhar aqui” (Entrevistado C, situação I).

6 Representações Individuais

As representações individuais construídas pelos catadores a partir do seu trabalho aparecem nitidamente como um reflexo do conceito que a sociedade constrói sobre eles. Conhecer essas representações implica em compreender as concepções que eles constroem sobre si mesmo e o grupo o qual participam.

Na situação I, as concepções que eles possuem de si próprios surgem a partir da segregação que eles sofrem da sociedade. Sentimentos como vergonha e indignidade são frequentemente associados por eles à atividade que desenvolvem. A própria escolha do local de trabalho, o lixão, deve-se ao fato de que eles não querem ser lembrados como trabalhadores do lixo. Isso se evidencia na fala de um dos entrevistados quando diz: “vimos pra cá por causa da vergonha de garimpar na rua, eu apodreço aqui, mas não trabalho na rua” (Entrevistado C, situação I). Os sentimentos mais frequentes na vida desses trabalhadores são evidenciados nas seguintes declarações: “à sociedade vê a gente como uns lixeiros. As patricinhas dizem lá vai a lixeira. Vergonha de trabalhar aqui eu não tenho, mas na rua eu tenho, daí passa as patricinhas e dizem olha lá os lixeiros”. (Entrevistado C, situação I). Outro diz, “sinto vergonha! Vergonha de trabalhar aqui não tenho, mas de pessoas do centro saber que eu tô trabalhando” (Entrevistado D, situação I).

Outras declarações dos entrevistados mostram a falta de perspectiva de melhoria no trabalho e de dignidade naquilo que fazem. Em relação à sociedade que é a maior beneficiada pelo seu trabalho, eles afirmam, “eles não se importam com pobre. Eles odeiam pobres. A dignidade naquilo que executam é difícil de ser conseguida uma vez que os próprios catadores consideram a sua atividade de coleta menos digna quando em comparação com outros tipos de atividades. Em relação a dignidade daquilo que fazem e realizam eles afirmam ser menos dignos, “Porque a gente trabalha no lixo. Tem outros pessoal que tem vários empregos legais. A gente se sujeita a fazer esse trabalho que ninguém quer por causa do desemprego, todo mundo tá procurando um trabalho e não tem. O lixo ninguém quer mexer, quem quer trabalhar no lixo?” (Entrevistado A, situação I, 24 anos).

Na situação II, as representações não se encontram tão evidentes, em seus discursos. Percebe-se a existência da consciência de sua condição de segregados, mas há ao mesmo tempo o reconhecimento da importância do trabalho que realizam. Um dos entrevistados afirma que “no centro é mais difícil, as pessoas não nos respeitam, nem olham. Mas a gente coleta nos bairros aqui perto e as pessoas das casas já nos conhece e até guardam material pra gente” (Entrevistado A, situação II). E um outro catador complementa “para mim é um trabalho como outro, só gostaria que desse mais dinheiro, mas tá bom” (Entrevistado E, situação II, 28 anos).

7 Representações Coletivas

Nas representações coletivas encontramos muitas vezes uma contradição em relação as representações individuais. Enquanto nas representações individuais são salientados os aspectos



negativos, nas representações coletivas os aspectos positivos são citados com frequência, entre eles a possibilidade de gerenciar o tempo de trabalho e trabalhar entre amigos.

Nas afirmações a seguir pode-se perceber os sentimentos positivos em relação ao trabalho de coleta de lixo, quando os coletores afirmam que, “às vezes a gente vem de manhã e só sai está hora (17 horas) tem dias que a gente só vem pra vender. Outros a gente trabalha o dia inteiro. Quando me dá na telha, trabalho o dia inteiro. Cada um trabalha do jeito que quer. Acho até que eu acho divertido trabalhar aqui. Aqui todo mundo é amigo de todo mundo. Todo mundo é amigo aqui, todo mundo se dão” (Entrevistado E, situação I). Quando em grupo, os entrevistados avaliam positivamente o trabalho realizado de coleta e, neste momento, surgem mais frequentemente em seus discursos os aspectos positivos do trabalho, formando uma contradição com as respostas que emitem quando isolados dos demais catadores.

Na situação II, as representações coletivas de seu trabalho normalmente estão atreladas ao sustento da família. A concepção negativa sobre seu trabalho parece ser esquecida frente a necessidade de sobrevivência. É constante o sentimento de falta de dignidade conferido ao trabalho de coleta. Essa visão é um reflexo da concepção que a sociedade possui desses trabalhadores. As concepções dos catadores representam uma dialética entre o que eles pensam sobre si e o que eles pensam que a sociedade pensa sobre eles, e nessa “colcha de retalhos” vai se formando as representações coletivas.

8 Estratégias Defensivas

São muitas as estratégias defensivas usadas pelos catadores, e elas podem variar de grupo para grupo. Na situação I, as principais estratégias verificadas foram a de deslocamento e de sublimação. O deslocamento pode ser identificado no comportamento violento apresentado por alguns catadores, sem motivo aparente, narrado pelos entrevistados. “Meu marido foi matado aqui. Foi por causa de uma briga de duas gurias ai ele deu um tapa na cara da guria e o cara viu e levou uma facada. Vai fazer dois anos agora em outubro. Já teve dois, quando foi fechar um ano do finado, mataram outro” (Entrevistado E, situação I). A situação descrita acima denota uma violência extrema gerada por um motivo irrelevante aparentemente. Provavelmente esse comportamento é reflexo de um sofrimento psíquico inconscientemente deslocado para outro objeto, no caso para um indivíduo.

Outra estratégia frequentemente usada em ambas situações, I e II, é a da sublimação. Esse processo ocorre normalmente através do uso de drogas, como o álcool e maconha. Na situação I, esse problema é tratado naturalmente sem qualquer tipo de constrangimento. Os entrevistados afirmam que a maneira de escapar do sofrimento gerado pelo trabalho é consumir bebida alcoólica. Um dos entrevistados diz: “Eu no caso é beber. Eu sou bêbedo. Bebo. Se tiver dinheiro todos os dias. (risos)” (Entrevistado E, situação I).

Frases como as acima citadas descrevem perfeitamente a situação vivenciada no lixão. A maioria dos catadores trabalha com uma garrafa de cachaça no bolso e interrompem frequentemente

suas atividades para beber. Indivíduos das mais diferentes idades passam o dia inteiro bebendo e fumando. Além dessas estratégias a música é muito presente no ambiente de trabalho. Um deles diz: “esquecer dos problemas só trabalhando mesmo e fazendo um som, na Universal (boate)” (Entrevistado C, situação I).

Na situação II, a introspecção parece ser a estratégia mais usada pelos catadores. Durante o desenvolvimento da coleta, que ocorre nas ruas, esses trabalhadores parecem estar em um mundo paralelo, dificilmente se comunicam com outros indivíduos. Suas posturas também denunciam a introspecção, normalmente com os corpos curvados e cabeça baixa parecem quererem sumir da vista de todos. Mas a sublimação através do álcool também está presente, mas na maioria das vezes mascaradas. Isso é percebido quando um dos entrevistados afirma que “eu bebo sim, mas só final de semana, durante a semana só uma cervejinha” (Entrevistado D, situação II, 48 anos).

9 Tempo Fora do Trabalho

Embora grande parte das atividades de lazer demanda dinheiro, esses trabalhadores encontram no tempo fora do trabalho uma fonte de prazer. São os momentos de lazer junto à família e aos amigos que tornam a vida dos catadores menos dolorosa. Também os jogos e as danças (boates) são atividades que permitem interagir com outros indivíduos e sublima o sofrimento gerado pelo trabalho. Mas em alguns casos, o tempo fora do trabalho é usado em atividades pouco saudáveis, como beber e jogar por dinheiro.

Na situação I, os indivíduos usam o tempo fora do trabalho em atividades de lazer como futebol e dança, mas o álcool continua sendo o principal meio de diversão. O fim de semana é esperado com ansiedade pelos jovens entrevistados. Jogos lúdicos surgem nessa situação juntamente com o uso da televisão e outras fontes de prazer. Tais atividades se evidenciam quando os entrevistados dizem: “no fim de semana eu fico em casa, jogo futebol faço como todo mundo” (Entrevistado A, situação II). “Sentamo! Sentamo aqui e ficamo conversando. No findi a gente bebe, faz um som” (Entrevistado C, situação I).

Na situação II, o tempo fora do trabalho é utilizado da mesma forma, com jogos, descanso e TV. “De tarde eu fico em casa, cuido das minhas coisas, olho TV.” (Entrevistado A, situação II, 44 anos).

10 Comunicação e Processos de Troca

A comunicação ocupa um papel importante em qualquer organização, e não seria diferente dentro dos grupos estudados. É nesse processo de comunicação e trocas de informações que surgem as construções simbólicas do grupo.

Na situação I, a comunicação no ambiente de trabalho realiza-se pelo fluxo horizontal ou lateral, onde as informações movimentam-se no mesmo nível, ou seja, entre colegas do grupo. O

processo de comunicação apresenta-se não somente como um aliado na construção de sua realidade, mas também como um facilitador das relações de trabalho. “Sentamo! Sentamo aqui e ficamo conversando” (Entrevistado C, situação I). A comunicação torna possível o consenso entre os catadores, bem como o surgimento de uma estrutura de poder. “Ela pensa que é coordenadora, ela se mete em tudo, chega alguém de fora aqui e já vai ela se dizendo coordenadora. Quem não conhece a Dona S?” (Entrevistado F, situação I)

Na situação II, a comunicação se realiza por meio de três fluxos: descendente, ascendente e horizontal, onde os processos de comunicação podem ocorrer tanto de cima para baixo, como de baixo para cima e também entre iguais. Como não há uma estrutura hierárquica complexa, as informações com fluxo descendente ocorrem do líder para com o restante do grupo e a ascendente normalmente se caracterizam como reivindicações dos membros do grupo para o líder da associação. O principal fluxo usado é o horizontal, onde a comunicação informal ocupa papel essencial dentro do grupo de catadores, traduzindo suas normas e filosofia.

Categorias Intermediárias:

O agrupamento das categorias iniciais deu origem as categorias intermediárias que são apresentadas com a denominação O catador de lixo, A organização do trabalho, Representações do trabalho, Relações de trabalho e Carga psíquica.

1 O Catador de Lixo

A categoria descrita a seguir é formada pelas categorias iniciais 1. História de vida do catador e 2. O Local de trabalho e suas significações.

Nesse estudo realizado com os catadores de lixo de Santa Maria/RS, pressupõe-se que eles se caracterizam, em ambas situações, como uma organização. São homens com uma história de vida conturbada que encontram em um trabalho pouco valorizado a sobrevivência. Esses indivíduos possuem sua dimensão social e humana totalmente negada pela sociedade, muitas vezes são considerados como animais. O local e o objeto de trabalho possui forte influência na construção dessas representações, uma vez no lixo tornam-se parte dele.

Durante a pesquisa pode-se verificar que os entrevistados possuem consciência da importância de seu trabalho, bem como do preconceito que a sociedade possui em relação a eles. A consciência de sua condição traz consigo sofrimento e algumas vezes um sentimento de revolta, uma vez que o trabalho gera vergonha e afeta sua auto-estima. O discurso que segue ilustra o sentimento dos catadores em relação à sociedade. “Eles vê nós como uns lixeiros, pra sociedade não é importante. Tamo aqui fora e eles nem pensam em nós. É melhor tá aqui do que ta na rua roubando. Eles falam da gente, mas nós podíamos estar roubando deles” (Entrevistado D, situação I).

2 A organização do Trabalho

Essa categoria surgiu a partir das categorias iniciais 3. As práticas de coleta de materiais recicláveis, 4. Estrutura de poder e 5. O significado do trabalho. A divisão do trabalho e as práticas de coleta são simples, caracterizada pela flexibilidade das relações de trabalho e produção. Havendo algumas diferenças entre as situações I e II.

Na situação I, não se percebe qualquer influência das teorias de organização de trabalho. As tarefas são realizadas sem preocupação com o controle do tempo e movimento gastos. Mas mesmo sem haver a busca frenética pela produtividade, a repetição automática das atividades ocasiona a perda da visão do trabalho como um todo resultando na perda também do significado do mesmo. Todos os catadores realizam as mesmas tarefas dentro da organização, mas desconhecem os processos finais de produção na reciclagem.

Na situação II, há a divisão de trabalho entre indivíduos que coletam os materiais e indivíduos que os separam para venda. O horário de trabalho pode variar de acordo com a demanda de materiais e o clima. Durante a manhã é realizada a coleta e a tarde é feita a separação e a venda dos materiais. Um dos entrevistados diz “não temos um tempo certo para trabalhar, viemos preparamos tudo para venda, daí esperamos os caras chegarem para vender” (Entrevistado E, situação II). E um outro complementa “quando chove fico dias sem coletar, então o pessoal guarda em casa e eu recolho quando pára de chover” (Entrevistado A, situação II).

3 Representações Sociais do Trabalho

As categorias iniciais 6. Representações individuais e 7. Representações coletivas originaram a categoria presente. Para entendermos as representações sociais desses trabalhadores, não basta conhecer as concepções que eles possuem sobre si mesmo, antes de mais nada é preciso conhecer as concepções que a sociedade possui sobre eles. Os catadores são indivíduos que fazem parte da realidade diária da sociedade, estão em todos os lugares, mesmo assim a sociedade não os reconhece como parte dela. São homens que embora possuam sonhos, desejos e sintam sofrimento e prazer, não são percebidos como iguais.

Dessas concepções construídas pela sociedade mescladas a sua auto-concepção, surgem as representações sociais dos catadores. A posição ocupada pelo indivíduo dentro do grupo e a importância atribuída ao seu trabalho, define suas representações, prevalecendo sempre a opinião que os outros possuem de seu trabalho. Esses homens como qualquer outro trabalhador buscam a participação na sociedade através do trabalho e quando isso não ocorre, eles anulam-se como indivíduos sociais.

4 Relações de Trabalho e Carga Psíquica

As categorias iniciais 8. Estratégias Defensivas, 9. Tempo Fora do Trabalho e 10. Comunicação e processos de troca resultam na categoria intermediária relações de trabalho e carga

psíquica. As relações de trabalho podem apresentar desde relações facilitadoras até relações impeditivas. Elas são definidas a partir da cooperação e participação do grupo, bem como por conflitos ou competições. Dentro do grupo de catadores, na situação I, encontramos indivíduos que optaram pelas relações facilitadoras, estabelecendo vínculos de amizade dentro do aterro, indivíduos que agem com violência com os demais e outros que preferem simplesmente isolar-se. A carga psíquica gerada pelo trabalho pode variar de acordo com as relações que o trabalhador estabelece em seu ambiente de trabalho e pelos processos de comunicação que nele viabiliza-se. Dessa forma, essa carga torna-se mais leve para os catadores que participam de grupos dentro do lixão.

As estratégias defensivas e o tempo fora do trabalho surgem como um escape nos momentos de sofrimento. O trabalho não constitui em si, um fator gerador de sofrimento, a frustração com o trabalho surge das significações atribuídas a ele. Esses sentimentos trazem graves consequências sobre o estado de saúde do indivíduo.

Categorias Finais

O agrupamento das categorias intermediárias deu origem a duas categorias finais: Lixo e cidadania – o catador cidadão e Prazer e sofrimento no trabalho.

1 Lixo e Cidadania: O Catador Cidadão

As categorias intermediárias 1. O Catador de Lixo e 2. A Organização do Trabalho originam a categoria final 1. Lixo e Cidadania. Como verificamos nas categorias anteriores, os catadores são indivíduos portadores de uma história de vida difícil e que desenvolvem um trabalho que os aportam pouco ou nenhum reconhecimento. Apesar desses fatores, eles mostram ser possível tornar-se cidadão através das práticas mais diversas.

O homem moderno, querendo ou não, busca em todas suas interações com a realidade encontrar seu lugar na sociedade. Os catadores os encontram na realização de um trabalho que devolve o lixo ao ciclo natural da vida. Embora exista um grande preconceito em torno da atividade de coleta de lixo, esta foi única forma de inserção social obtida por esses homens responsáveis, segundo pesquisa realizada pela Unicef em 2000, pelo gerenciamento de entre 10 e 20% dos resíduos sólidos urbanos e cerca de 90% dos materiais recicláveis que alimentam as indústrias de reciclagens brasileiras, tornam o país um dos campeões mundiais em reciclagem. Além dos benefícios ambientais, o serviço prestado ao Estado e à sociedade por estes trabalhadores promove também a economia em gastos públicos com mão-de-obra relativos à limpeza urbana, manutenção e infra-estrutura.

Na medida em que reconhecem a importância do trabalho de reciclagem, bem como desenvolvem uma visão global dessa atividade eles encontram sua dimensão social. Quando é



atribuído um significado amplo ao trabalho, como fonte de desenvolvimento e realização pessoal, o trabalho transforma o trabalhador em agente de mudança da realidade, portanto torna-o um cidadão.

2 Prazer e Sofrimento no Trabalho

Esta categoria é resultante das categorias intermediárias 3. Representações sociais do trabalho e 4. Relações de trabalho e carga psíquica. O estudo evidencia os processos de construção das representações de prazer e sofrimento destes trabalhadores. O prazer e o sofrimento estão intrinsecamente ligados ao contexto socio-econômico-cultural. O sofrimento psíquico surge como uma vivência subjetiva intermediária entre doença mental descompensada e conforto psíquico. (Dejours, 1994). O confronto da identidade do trabalhador com o valor atribuído à mesma, diante do mundo social, pode ser o gerador desse sofrimento.

Os sentimentos de sofrimento surgem também, da baixa auto-estima que o trabalhador possui. Essa, por sua vez, surge das concepções que a sociedade constroem sobre ele e seu trabalho, unida a falta de significação atribuída ao mesmo, uma vez que não há o conhecimento global da atividade desenvolvida. Dessa forma, para o catador, nem ele, nem seu trabalho possui importância para a sociedade.

Os sentimentos de prazer ocupam uma posição secundária, mas não menos importante, na análise das relações de trabalho dos indivíduos estudados. Elas muitas vezes surgem, a partir de mecanismos elaborados pelos trabalhadores para burlar o sofrimento proporcionado pela atividade que realizam. Esse fato foi verificado devido a freqüente vinculação, por parte dos respondentes, do uso de bebidas alcoólicas aos sentimentos de prazer. Ao mesmo tempo, esses trabalhadores reconhecem sentimentos de prazer também ao desenvolverem atividades de coleta e separação sem regras e horários estabelecidos anteriormente, bem como pela ausência de um chefe que as determine. Essa flexibilidade nas relações de trabalho aportam algum tipo de satisfação para o catador, na medida que o coloca no controle do seu trabalho.

Considerações Finais

Os catadores reconhecem a existência de prazer e sofrimento no trabalho que desenvolvem e estes estão intrinsecamente ligados ao tipo de trabalho e a imagem de indignidade produzida a partir dele. O não conhecimento do significado do seu próprio trabalho, bem como o não reconhecimento da importância do mesmo para a sociedade, produz a visão de um trabalho desinteressante atrelado a uma baixa auto-estima. Com a perda do significado do trabalho ocorre uma ruptura entre subjetividade e a objetividade, entre o eu e o mundo. Essa ruptura retira do indivíduo o interesse e o controle sobre o trabalho.

Quanto às representações sobre o conhecimento do trabalho, elas não surgem de maneira homogênea dentro do grupo estudado. Enquanto alguns parecem desconhecer o significado e a



importância do seu trabalho para a sociedade, outros se mostram plenamente conscientes desses fatores, bem como de suas condições de sub-proletariado e segregados. Para esses trabalhadores, as representações de sofrimento encontram-se em torno da ausência de reconhecimento e de sentido para o trabalho, além da percepção do preconceito que a sociedade possui em relação a eles.

O controle sobre o trabalho surge como principal gerador de prazer. Todos os catadores participantes reconhecem na possibilidade de trabalhar sem patrão e com flexibilidade de horários, um dos motivos que os mantém nessa atividade profissional. A convivência em grupo, a comunicação informal, os jogos lúdicos e as atividades realizadas durante o tempo fora do trabalho também são apontadas como os principais geradores de prazer. As formas encontradas, por esses indivíduos, para lidar com o sofrimento gerado pelo trabalho mostram-se pouco saudáveis. Em alguns casos a estratégia usada é a negação do próprio sofrimento, em outros é o uso excessivo de bebidas alcoólicas e em casos mais extremos é a violência e por fim, a loucura.

Quando se interpreta os discursos dos catadores há uma constante quanto à insatisfação: a vergonha. A vergonha de ser inútil, estar sujo, de não ocupar um espaço na sociedade, de não ter inteligência para desempenhar uma atividade mais interessante. E do contato, de certa forma, forçado com uma atividade desinteressante que esta imagem de indignidade é produzida por estes trabalhadores. Esse sentimento deve-se a falta de conhecimento da significação do seu trabalho em relação ao da atividade de forma global, e sendo assim sua tarefa não tem significação humana e nem social. Não significando nada para a família, para o grupo social e nem para o quadro de um ideal social humanista e político faz com que uma baixa auto-estima se apodere do trabalhador.

Para que o sofrimento desses trabalhadores possa ser minimizado e o prazer potencializado, torna-se necessário que a atividade de coleta de lixo, seja reconhecida como importante, não apenas por quem a executa, mas também pela sociedade, a qual é a principal beneficiada com a prestação desse serviço. A maior participação do Estado, apresentando medidas para a melhoria do ambiente e das condições de trabalho são outros aspectos de fundamental importância nesse processo.

Bibliografia

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- _____. **O fator humano**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- _____. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 1999b.
- _____. **O corpo entre a biologia e a psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- DEJOURS, Christophe. ABDOUCHELI, Elisabeth. JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.
- FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. A cultura de devoção nas empresas familiares e visionárias – uma definição teórica e operacional. **Tese de Doutorado**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- FREUD, Sigmund. **Psicología de las masas y análisis del yo**. Buenos Aires: Santiago Rueda editor, 1953.
- GAIARSA, José A. **O que é corpo?** 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1997.